



“QUANTAS VIDAS VOCÊ VAI SALVAR AGORA?” SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS EM TEMPOS DE COVID-19

“HOW MANY LIVES WILL YOU SAVE NOW?” ON THE IMPORTANCE OF HUMANITIES AND SOCIAL SCIENCES IN TIMES OF COVID-19

Luciana Velloso 1
Rosemary dos Santos 2
Dilton Ribeiro Couto Junior 3

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar uma discussão epistemológica que parte do pressuposto de que, em tempos de Covid-19, as Ciências Humanas e Sociais são igualmente importantes para acompanhar os efeitos do novo coronavírus na vida em sociedade. Embora as pesquisas voltadas para o desenvolvimento de medicamentos e de vacinas acabam sendo mais prestigiadas em tempos de pandemia, não podemos ignorar o quanto os fenômenos sociais também precisam ser investigados com base em uma análise que abarque o vasto conhecimento do campo das Ciências Humanas e Sociais. Assim, formulamos uma crítica aos equívocos com os quais o conceito de Ciência tem sido usado de forma prescritiva, problematizando publicações na rede social Twitter, muito usada pelo atual governo brasileiro na criação de hierarquias e distinções no campo científico. E argumentamos sobre a necessidade de compreender de forma significativa e socialmente referenciada a Ciência.

Palavras-chave: Pandemia. Heterogeneidade Científica. Ciências Humanas e Sociais. Sociedade em Rede.

Abstract: This article aims to present an epistemological discussion based on the assumption that, in times of Covid-19, Humanities and Social Sciences are equally important to monitor the effects of the new coronavirus in society. Although research aimed at the development of medicines and vaccines attract more attention during pandemics, the extent of social phenomena also needs to be investigated based on an analysis that encompasses the vast knowledge of the field of Humanities and Social Sciences. Therefore, we criticize the misleading way the concept of Science has been used to prescribe, discussing publications on the social network Twitter, which is widely used by the current Brazilian government to create hierarchies and distinctions in the scientific field. We argue about the need to understand science in a meaningful and socially referenced way.

Keywords: Pandemic. Scientific Heterogeneity. Humanities and Social Sciences. Network Society.

-
- 1 Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5854415485261255>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6832-4189>. E-mail: lucianavss@gmail.com
 - 2 Professora do Departamento de Formação de Professores da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FEBF). Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da UERJ/FEBF e no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da UERJ. Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (Prociência UERJ) FAPERJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9464170521679409>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0479-1703>. E-mail: rose.brisaerc@gmail.com
 - 3 Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência UERJ/FAPERJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3583771162535417>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5221-7135>. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br
- 

Introdução

O novo coronavírus (SARS-CoV-2), responsável pela doença Covid-19, foi detectado na China no final de 2019. Alguns meses depois, diante do alto poder de contágio do vírus e da quantidade considerável de pessoas infectadas em todo mundo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou pandemia (GARRIDO; GARRIDO, 2020). Quarentena, *lockdown*, isolamento social, distanciamento físico, álcool em gel, máscara de proteção, oxímetro de dedo, entre outros termos e expressões, vêm se tornando parte do vocabulário cotidiano e dizem respeito aos cuidados com a saúde da população mundial durante a pandemia. Em termos históricos, vale destacar que a Peste Negra (século XIV), a Grande Praga (século XVII) e a Peste dos Ratos (século XIX) foram algumas das pandemias que a humanidade já enfrentou (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). Embora tenham ocorrido em séculos distintos, essas pandemias não deixaram dúvida de que o ser humano sempre esteve suscetível às adversidades biológicas. Dessa forma, concordamos que precisamos continuar aprendendo sobre como sobreviver a essas doenças que colocaram e vêm colocando em risco nossa própria sobrevivência como espécie.

No entanto, diferentemente de outras pandemias, hoje vivemos tempos de cibercultura, caracterizada pela multiplicidade de “dinâmicas comunicacionais digitais que agregam sujeitos geograficamente dispersos em torno de uma mesma rede gigantesca de troca de informações constante” (COUTO JUNIOR; SANTOS; VELLOSO, 2019, p. 1131). Investigar os efeitos da pandemia da Covid-19 em tempos de intensas trocas mediadas por tecnologias digitais vem sendo o foco de muitas pesquisas do campo das Ciências Humanas e Sociais, ainda mais considerando a reconfiguração de um mercado de trabalho que vem sendo obrigado a se reinventar, com muitas empresas adotando o trabalho remoto para a manutenção de suas atividades. Enquanto esperamos a vacina contra a Covid-19, vimos buscando outras estratégias para permanecermos juntas/os com as/os estudantes da graduação e da pós-graduação na Universidade, fazendo das redes sociais a maior aliada nesse período de nossa história.

Em tempos de pandemia, concordamos que é grande o potencial da internet para ampliar nossas ações de solidariedade e dialogicidade com outras/os internautas. De forma alguma concordamos que o ensino remoto seja capaz de substituir o ensino presencial. Com Kohan (2020, p. 9), entendemos que o espaço físico escolar é “um lugar onde os corpos se encontram para brincar e fazer amigas e amigos, ou seja, um lugar onde se faz comunidade, se compartilha um mundo com todas as suas penúrias, belezas e dificuldades”. Ao mesmo tempo, concordamos que as relações sociais mediadas pelo digital em rede também são capazes de promover formas dinâmicas e interessantes de ensinar-aprender, fazendo da internet nosso *locus* de encontro com o outro; um encontro que possa nos inspirar a pensar a docência em uma perspectiva mais horizontal e interativa (SANTOS; SANTOS; COUTO JUNIOR, 2020).

O campo educacional hoje tem como pauta central o desafio de reinventar-se em tempos de Covid-19, ou seja, criar estratégias na promoção de ensinanças e aprendizagens em um país que sofre com sérios problemas de exclusão digital. Por outro lado, o contexto sócio-histórico brasileiro tem sido bastante desolador, com um governo federal banalizando os milhares de mortes por Covid-19 em todo o país e carecendo de políticas de enfrentamento eficazes à pandemia. Kohan (2020, p. 3) critica a perversidade com a qual o governo federal vem agindo com o povo brasileiro, argumentando que “longe de ser combatida firmemente [pelos governantes], [a pandemia] está sendo veiculada como mais um instrumento dessa necropolítica, quase como uma oportunidade de consolidar a política da morte de forma mais rápida, segura, econômica”.

A necropolítica, caracterizada como uma política de morte que age para deixar morrer o sujeito a partir (da falta) de ações governamentais (MBEMBE, 2018), torna-se bastante visível quando a preocupação com a compra dos contêineres refrigerados para organizar os corpos dos falecidos é maior do que a construção de hospitais de campanha para tratar das/os pacientes doentes. A própria banalização da doença, caracterizada como mera “gripezinha” pelo próprio presidente da República, caracteriza-se como parte da necropolítica brasileira (KOHAN, 2020).

Não podemos ignorar a necessidade de maiores investimentos nas áreas da saúde no

Brasil (e no mundo) com o objetivo de que melhores medicamentos e vacinas estejam à disposição da população para as doenças que temos hoje e para aquelas que estão por vir. No entanto, de forma alguma podemos desvalorizar a importância das Ciências Humanas e Sociais em tempos de Covid-19; pelo contrário, a pandemia vem desencadeando um medo generalizado em decorrência de um inimigo invisível que cruza fronteiras (SANTOS, 2020). É contra o novo inimigo SARS-CoV-2 que precisamos investir mais em estudos que acompanhem os impactos sociais da pandemia em um período no qual a população encontra-se bastante fragilizada e vulnerável, principalmente as pessoas dos estratos socioeconômicos menos privilegiados.

Ademais, precisamos expressar nossa preocupação em torno de como as redes sociais da internet também vêm sendo utilizadas em muitos países para (des)informar a própria população: “os governos de extrema-direita ou de direita neoliberal falharam mais do que os outros na luta contra a pandemia. Ocultaram informação, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia” (SANTOS, 2020, s/p). Dessa forma, entendemos o importante papel das Ciências Humanas e Sociais na criação de estratégias de enfrentamento aos graves efeitos sociais engendrados pela pandemia do novo coronavírus, desde já reconhecendo a internet como aliada na luta política com vistas ao bem-estar social. Em tempos de constantes ataques à democracia brasileira, a internet pode ampliar a luta contra as “barbaridades de nosso tempo, e isso inclui planejarmos de forma criteriosa a construção de estratégias de enfrentamento que sejam orquestradas também nas redes sociais *online*, garantindo que nossas vozes mobilizem o maior número de pessoas possível” (COUTO JUNIOR; BRITO; POCAHY; AMARO, 2019, p. 1.225, grifo dos autores).

Diante do breve panorama apresentado, este artigo tem o objetivo de apresentar uma discussão epistemológica que parte do pressuposto de que as Ciências Humanas e Sociais são igualmente importantes para acompanhar os efeitos do novo coronavírus na vida em sociedade. Embora as pesquisas voltadas para o desenvolvimento de medicamentos e de vacinas acabem sendo mais prestigiadas durante o período da pandemia, não podemos ignorar o quanto os fenômenos sociais também precisam ser investigados com base em uma análise que abarque o vasto conhecimento do campo das Ciências Humanas e Sociais.

O texto encontra-se organizado em três partes. A seguir discutimos o contexto histórico de organização do campo científico, bem como a lógica científica como chave de leitura interpretativa do mundo, em detrimento do discurso religioso. Abordamos a heterogeneidade e as disputas que marcaram a organização dos diferentes campos das ciências, corroboradas pela fala do ex-ministro da Educação em suas postagens do *Twitter*. Destacamos uma dessas falas, em que fica explícita a ideia de que alguns conhecimentos seriam socialmente mais relevantes do que outros no combate à pandemia. Posteriormente, trazemos a discussão para o campo da cultura, estabelecendo a conexão entre global e local e reforçando o caráter político que constitui as ciências, pois envolvem escolhas, opções e decisões social e culturalmente situadas. Por fim, argumentamos sobre o papel do pensamento complexo para auxiliar nas reflexões sobre o momento em que vivemos e o que estamos buscando no porvir.

A heterogeneidade como característica do campo das Ciências

Entendemos que a organização dos campos de saber atendem a interesses, propósitos e demandas de um tempo e de um contexto específicos. A análise da separação dos campos do saber está imbricada nessa rede e ela nos remete ao século XIX, conforme elucida Hobsbawm (1979; 2008). Ao discutir religião, ciência e ideologia, o historiador sinaliza que a ideia de evolução era o elemento chave que conectava Ciências Naturais a Ciências Humanas ou Sociais. Pois foi com base nas já consolidadas Ciências Naturais que as demais foram se organizando, delimitando seus métodos, objetos e instrumentos de análise específicos. Antropologia, Psicologia, História, Sociologia, entre outras ciências, vão se organizando a partir de um pano de fundo eurocêntrico e pautado nas ideologias de determinados grupos específicos que cada vez mais colocam a ideia de progresso como mote em detrimento de explicações religiosas acerca do mundo. Pautada na lógica de uma ideologia laica, a ciência se colocava como prioritária na

ótica ocidental que ia colocando “Deus sob ferrenho ataque” (HOBBSAWM, 1979, p. 280).

O panorama é o de uma Europa que se organizava ao redor das Ciências Naturais, sobretudo estabelecendo explicações ancoradas nas Ciências Biológicas para explicar fenômenos caros aos seres humanos em sua relação com a sociedade. Com isso, a chave de leitura para explicar fenômenos complexos por trás de um suposto véu de neutralidade tão preconizado naquele contexto envolvia-se com o campo político, que se embasava nas teorias evolucionistas de Charles Darwin. Conforme Hobsbawm (2008, p. 351), naquele momento “a Biologia era essencial para uma ideologia burguesa teoricamente igualitária, pois deslocava a culpa das evidentes desigualdades humanas da sociedade para a ‘natureza’”. Dessa forma, a ciência e suas inúmeras disputas para narrar o mundo se colocava como a nova religião da humanidade, tal como pensado por Augusto Comte, um dos primeiros a pensar a Sociologia, ainda como Física Social, trazendo em seu bojo toda a visão positivista e cartesiana do mundo (GIDDENS, 2011).

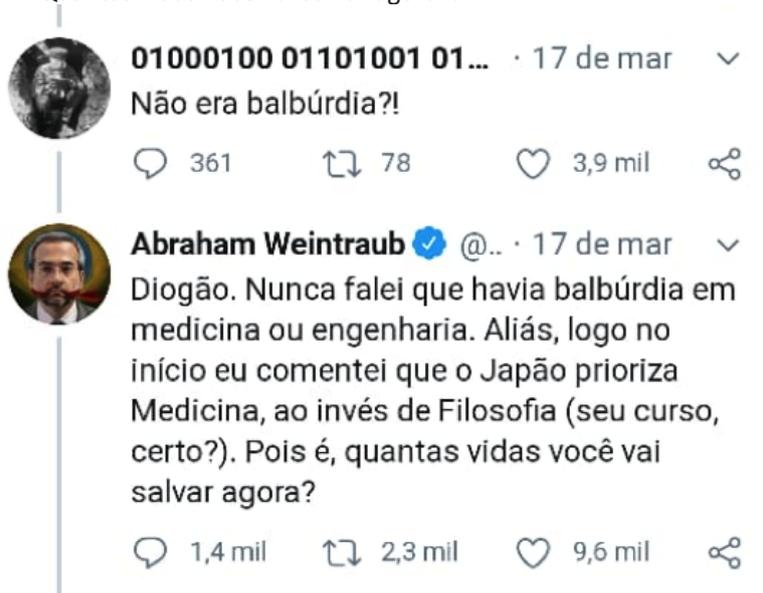
No caso do Brasil, a institucionalização das Ciências Sociais, conforme indica Villas Bôas (1991), expressou uma tentativa de reatualizar a identidade cognitiva dessa área do conhecimento com um olhar sócio-histórico. Esse olhar, que recontextualizava temas, questões e objetos de interesse, foram se reproduzindo durante bom tempo, seguindo a tradição do século XIX. Os momentos de maior ruptura se deram entre 1945 e 1964, quando temas e questões de ordem socioeconômica foram acrescentados aos estudos sobre questões políticas e culturais. Essa mudança impulsionou a preocupação com problemas sociais como desigualdade e diferenças que tanto marcaram nossa sociedade e até hoje se fazem tão presentes no cenário nacional (VILLAS BÔAS, 1991).

As pontes entre Ciências Humanas, Sociais e a área da Saúde são cada vez mais necessárias. Exemplo disso foi a organização da Comissão de Ciências Sociais e Humanas em Saúde (CCSHS), inserida na estrutura organizacional da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco). Canesqui (2008) percorre o histórico dessa comissão e indica o quanto essa ponte foi fundamental no contexto da década de 1990, quando tivemos a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS). Eram saberes e práticas se articulando no comprometimento com uma política de saúde que envolvesse as diferentes esferas executivas de governo – federal, estadual e municipal. No que diz respeito ao tema da Saúde Coletiva, tratamos de uma seara que, dadas as disputas internas entre os profissionais e suas formações, envolve compreendermos que “as atividades de ensino, em todos os níveis, foram e continuam sendo um dos pilares da presença das Ciências Sociais no campo da Saúde Coletiva, da Medicina e de outras profissões de saúde” (CANESQUI, 2008, p. 242). Ou seja, a relação dessas diferentes áreas do conhecimento fora responsável pela formação do campo científico hoje.

Cada vez mais entendemos que se faz urgente e necessária a discussão da interface entre Ciências Naturais e Humanas. No entendimento de Rose, Carvalho e Oliveira (2018), envolve um requisito epistemológico, pois os objetos que queremos compreender não se restringem aos limites estabelecidos pelas disciplinas convencionalmente estabelecidas. Envolve ainda um “requisito organizacional [...] e pragmático, pois a natureza de muitos problemas que queremos compreender requer a colaboração de especialistas com uma ampla variedade de formações acadêmicas” (ROSE, CARVALHO; OLIVEIRA, 2018, p. 331).

Vale destacar ainda que as Ciências Humanas, ultimamente tão desvalorizadas pelo atual governo brasileiro, têm um legado que precisa ser compreendido em vista de analisar os fenômenos sociais de nosso cotidiano. Conforme assevera Dortier (2005, p. 15), para além do que nos querem fazer crer, não se trata de um “cemitério de ideias mortas [...] e nem tudo o que passou está ultrapassado”. A historicização dos acontecimentos fornece pistas para uma melhor compreensão do presente e seus novos impasses que são colocados diante de nós. Porém, como podemos perceber por meio de declarações feitas por um dos ex-ministros brasileiros da Educação, Abraham Weintraub, esses aprendizados parecem desconsiderados. Atenemos para a declaração a seguir, compartilhada na rede social *Twitter* no dia 17 de março de 2020:

Figura 1. “Quantas vidas você vai salvar agora”?



Fonte: Imagem capturada da rede social *Twitter* em março de 2020.

Essa declaração do ex-ministro da Educação desafia um matemático (que ele pensava ser filósofo) que o questionava sobre a sua posição contra as universidades e as Ciências Humanas, perguntando quantas vidas ele vai salvar. A chamada “balbúrdia”, de acordo com Weintraub, refere-se a universidades públicas que têm permitido a realização de eventos políticos ou festas que, na concepção dele, são inadequadas ao espaço institucional. O ex-ministro reforçou ainda que repasses serão reduzidos nas instituições que estiverem promovendo a chamada “balbúrdia” e que não estejam com o desempenho acadêmico esperado. No entanto, conforme o Times Higher Education (THE), o principal *ranking* universitário internacional, as universidades acusadas de “balbúrdia” pelo ex-ministro melhoraram seu *ranking*¹.

No dia 18 de março de 2020, o ministro publicou, sem qualquer consulta ou aviso prévio à comunidade acadêmica, a Portaria 34, que dispõe sobre as condições para fomento a cursos de pós-graduação *stricto sensu* pela Diretoria de Programas e Bolsas no País, da Capes² reduzindo a concessão de bolsas no país. Somando-se a isso, na mesma semana o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), na Portaria nº 1.122³, priorizou áreas técnicas “no que se refere a projetos de pesquisa, de desenvolvimento de tecnologias e inovações, para o período 2020 a 2023”. Em ambas as decisões políticas, a grande prejudicada é a área de Humanas, diminuindo bolsas e praticamente apagando-as do mapa do desenvolvimento de Ciência e Tecnologia (C&T) no país.

Nesse sentido, vale destacar que as áreas de Ciências Humanas e Sociais já eram alvo de críticas e desvalorização por parte do governo do atual presidente, como podemos observar nas declarações e medidas anteriores à fala do ex-ministro da Educação – por exemplo, em relação ao corte de bolsas de pesquisa. Não se trata, desse modo, de uma política que está restrita a um ministro, mas de uma visão governamental mais ampla que preconiza tecnologias, classificadas como estratégicas, tais como tecnologia espacial e de segurança pública, inteligência artificial, indústria, agronegócio, saúde e saneamento básico. Essas são consideradas pelo atual governo como setores que teriam maiores potencialidades “para a aceleração do desenvolvimento econômico e social do país”⁴.

Desde que a polêmica acerca do corte de bolsas se instaurou, a discussão se voltou para o quantitativo de bolsas que foi reduzido de áreas que não possuíam privilégios em relação a outras. Dados da Capes e do CNPq indicam essa falácia da distribuição mal organizada. Ao ob-

1 Fonte: <https://bit.ly/3iv2gwd>. Acesso em: 13 set. 2020.

2 Fonte: <https://bit.ly/3gCRWS4> Acesso em: 5 ago. 2020.

3 Fonte: <https://bit.ly/2XHuxqW> Acesso em: 6 ago. 2020.

4 Fonte: <https://bit.ly/2FcISFB> Acesso em: 5 ago. 2020.

servarmos os dados das Ciências Exatas, Biológicas, Agrárias, da Saúde e as Engenharias, que, segundo Weintraub, baseiam a pesquisa científica, vemos que concentram 64,3% das bolsas. Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, por sua vez, recebem somente 24,3% delas⁵. Indo mais além, o governo estabelece ainda medidas que visam ao corte da área de Humanas do edital de bolsas de iniciação científica⁶.

Entendemos que essa política do corte de bolsas está intimamente atrelada ao ataque que o atual governo tem feito às Ciências Humanas, envolvendo graduação e pós-graduação em seus diversos espectros, atingindo diretamente as pesquisas nas instituições públicas, que tanto têm contribuído para o desenvolvimento da ciência em nosso país, algo que não é recente, como podemos perceber através da busca desses rastros digitais.

As disputas nos campos de produção de conhecimentos renderam diversas postagens e trocas de mensagens pelo *Twitter*, incluindo os filhos do atual presidente e o ex-secretário da Educação. Era notório que, levando em conta o tom das conversas, o que se preconizava não era nem de longe as Ciências Humanas e Sociais, mas aquelas que pudessem reverter em benefícios para a população, por mais que esses termos possam ser questionáveis. A conversa a seguir, realizada no *Twitter* em janeiro de 2020, evidencia as prioridades:

Figura 2. Que pesquisas importam?



Fonte: Imagem capturada da rede social *Twitter* em janeiro de 2020.

5 Fonte: <https://bit.ly/3gXrNNG> Acesso em: 6 ago. 2020.

6 Fonte: <https://bit.ly/30liZG0> Acesso em: 6 ago. 2020.

A postagem foi criticada não só pelo teor de incentivo a pesquisas belicistas, estimuladas por Eduardo Bolsonaro, mas também pela concordância sobre a necessidade de tais pesquisas por parte do ex-ministro da Educação do país, que considerava “imprecionante” (*sic*) o fato de que até então não havia incentivo a pesquisas em áreas como Segurança Pública. Vale destacar ainda que o erro de grafia no termo “impressionante” acabou ganhando mais repercussão midiática⁷ do que o próprio conteúdo da postagem, talvez pelo fato de vir do então ministro da Educação. Algo que nos leva também a repensar o apelo midiático e o jogo de luzes e sombras sobre a política atual. Tudo isso para nos fazer perceber quanto já havia se delineado todo um cenário favorável às declarações do ex-ministro que vieram adiante. Talvez o que se possa questionar é a que interesses esse tipo de pesquisa pode afetar, já que se trata de disputas de poder e legitimidade de conhecimentos em um momento de pandemia mundial no qual os investimentos nos mais diversos campos científicos nunca se fizeram tão necessários.

É essencial que reconheçamos a heterogeneidade como própria do campo das Ciências Humanas e Sociais, visto que elas se caracterizam pela possibilidade de coexistência temporal de várias perspectivas teóricas, várias abordagens e vários paradigmas. O fato de aproximarmos perspectivas teóricas marcadas pela heterogeneidade permite mergulhar em um campo de tensão a partir do qual podemos vislumbrar novas referências e novos campos de pesquisa para a compreensão dos fenômenos humanos. A heterogeneidade é uma das marcas de todo o sistema educacional, apesar de, em muitas oportunidades, se negar essa realidade, ou ainda se pressupor uma homogeneidade que não existe. O reconhecimento da necessidade de compreender os múltiplos elementos e fatores para a compreensão dos fenômenos educativos implica obrigatoriamente o rompimento com a linha de pensamento linear, unitário e reducionista, característica dos modelos cartesianos/positivistas, ainda hoje utilizados como “certos”, “verdadeiros” e “infalíveis”, quando se pretende entender a realidade e construir conhecimento (TURA, 2002).

Coronavírus para além das fronteiras: relações entre global e local

Pandemia, Covid-19, cloroquina, letalidade, mortalidade são termos do universo técnico da Epidemiologia para a classificação temporal, geográfica e quantitativa de uma doença infecciosa. Eles são fundamentais para processos de vigilância e controle, definindo níveis de atenção e protocolos de ação. No caso da Covid-19, por exemplo, quando um número elevado de pessoas da cidade de Wuhan, na China, passou a apresentar uma infecção respiratória grave e desconhecida em curto espaço de tempo, ligou-se o alarme para o início do que viria pela frente.

Rapidamente, identificou-se a presença de uma nova variedade do vírus do tipo *Corona* e, em pouco tempo, casos semelhantes apareceram em outras cidades e regiões do país e de fora dele. Era o início da pandemia. Ainda assim, como os números da doença continuaram aumentando em mais países e continentes, cobrindo quase todo o globo, a OMS decretou o que é considerado o pior dos cenários: os casos estavam se alastrando e sem uma organização prévia dos governos e das redes de saúde pelo mundo. Dito isso, questionamos: como as Ciências Humanas podem atuar em eventos descritos como de escala global? Qual a importância dela e das demais Ciências Humanas e Sociais nesses cenários?

O primeiro ponto a ser considerado é a atuação dessas áreas para formar pesquisadoras e pesquisadores com métodos qualitativos e quantitativos, com números, casos, estatísticas, modos de vida, saneamento básico. Essas experiências compõem ambientes singulares, como situações ambientais como a exposição à poluição e os efeitos locais das mudanças climáticas, direitos fundamentais, acesso universal à informação e à saúde, às fontes de água e alimento seguros, e ainda os níveis de violência doméstica e de gênero. O segundo ponto é que é preciso ter em mente que fenômenos globais são sempre operados com base em contextos locais. O global se realiza a partir de materialidades e práticas situadas. Como já ensinou o sociólogo Edgar Morin (1996), converter dados locais em escala global é um modo perverso de fingir

⁷ Fonte: <https://bityli.com/yglitQ> Acesso em: 15 ago. 2020.

universalidade. Nessa relação entre global e local, diversos autores podem auxiliar a entender como fenômenos que ocorrem em nível mundial nos chegam de modo cada vez mais veloz, assim como as informações sobre eles. Para autores como Harvey (2010), temos observado, sobretudo desde mais ou menos o ano de 1972, a emergência de novas formas de viver e experimentar práticas culturais, inaugurando uma nova fase no capitalismo que o autor denomina “compressão do tempo-espaço” (p. 219).

Essa ideia da compressão é elucidada pelo autor com uma imagem gráfica bastante significativa, que representa a sensação de “encolhimento do mapa do mundo, graças a inovações do transporte” (HARVEY, 2010, p. 220). De fato, os meios de transporte são exemplos dessa nova forma de percebermos os deslocamentos, algo que podemos acrescentar a partir dos usos das tecnologias digitais em rede, a partir do momento em que essa sensação de encolhimento do mundo parece ainda maior.

Com alguns cliques temos acesso a informações do outro lado do mundo, remetendo-se à ideia de uma “aldeia global”, apropriando-nos do que propôs McLuhan (1962) sobre as telecomunicações. Porém esses fenômenos contemporâneos nos levam a colocar no debate autores que têm trazido a necessidade de pensar questões culturais como fio condutor para ampliar nossas perspectivas analíticas; no caso em questão, essas diferenças envolvem o caso da COVID-19. Nesse sentido e pensando a centralidade da cultura (HALL, 1997) para discutir as questões ligadas à globalização, argumentamos com o apoio de autores do campo dos Estudos Culturais.

Com isso, a cultura passou a ter grande poder analítico e explicativo dos fenômenos sociais, políticos e econômicos. Ela é também o elemento mais dinâmico e imprevisível das mudanças que se efetivam nas diferentes organizações sociais, e isso é, em grande parte, decorrente daquilo que podemos destacar como o advento das tecnologias digitais em rede, tornando mais dinâmicas a divulgação e a circulação de imagens, textos, significados, códigos e linguagens, realizando um mix cultural, atravessando velhas fronteiras e produzindo formações culturais híbridas.

Em seu texto “O que é, afinal, Estudos Culturais?”, Johnson (2006, p. 13) explicita que eles envolvem três premissas centrais, que, para além de uma disciplina específica, implica pensarmos que: 1) os processos culturais estão intimamente vinculados com relações sociais (racial, sexual, etária, dentre outras); 2) as relações de poder não se dissociam das questões culturais; 3) cultura não é um campo autônomo ou determinado de modo externo, mas um local que implica lutas e disputas relacionadas às diferenças.

Entendemos então que os Estudos Culturais se apresentam como um campo de investigações que, mantendo as bases do seu eixo inicial – a cultura, seus significados e práticas como objeto de estudo que articula dimensões antropológicas, históricas, sociológicas, linguísticas e políticas –, tem estado em constante modificação e aberto a um amplo leque de possibilidades de indagações.

Assim sendo, o campo da cultura e da análise cultural tem se apresentado como valioso pelas possibilidades de fornecer explicações para problemas que na atualidade têm envolvido as disputas educacionais que estão diretamente atreladas às questões sobre ciência, conhecimentos e suas conexões disciplinares (COSTA, 2000).

Diante do exposto, pensar culturas atualmente significa atentar para as mudanças aceleradas em que o mundo globalizado em que vivemos se insere. Essas mudanças têm relação com o que vem acontecendo no ambiente sócio-político-econômico mais amplo, na cidade em que vivemos, no espaço territorial que nos circunda e, numa perspectiva mais ampla, no mundo que foi produzindo uma nova ordem e uma nova semiótica política no interior de uma cultura globalizada. São transformações que acompanham a expansão de tecnologias digitais em rede e a incorporação de novos mecanismos de regulação de um Estado, como distinguiu García Canclini (2003), e que têm dado uma nova feição à cidade, têm modificado substancialmente as relações e hierarquias sociais, têm intervindo na organização do trabalho e impulsionado um fluxo intenso de migrações internas e externas.

Tendo em vista o interesse de grupos hegemônicos pela instituição de novos parâmetros de convivência no plano mundial, entre os gestores da educação escolar se tem buscado

implantar estratégias – alavancadas por organismos internacionais – de formação de um novo cidadão, requerido por esse estágio de globalização. Em decorrência disso, tem-se observado a intervenção maciça de organismos internacionais na produção de novas políticas educacionais, que estão vinculadas aos princípios que comandam essa nova ordem mundial, muito integrada aos interesses de grandes conglomerados empresariais (AFONSO, 2001).

Pensar os processos de globalização no contexto da pandemia da Covid-19 baseados na ótica dos Estudos Culturais permite observar que limites e fronteiras se rompem e se fixam, mesclando saberes tradicionais com saberes científicos nos discursos de figuras públicas, políticos e cidadãos comuns. Interessa-nos observar essas lógicas entre global e local avaliando pesos e medidas para discutir supostos tratamentos ou soluções para lidar com a pandemia e relativizar também a ideia de que, em um país continental como o Brasil, essas lógicas serão as mesmas.

O que se está verificando, então, é algo como um amálgama do novo e do velho, uma estratégia de negociação, um momento de trânsito, marcado por processos de hibridação como os estudados por García Canclini (2011), que os definiu – olhando especialmente as características das sociedades latino-americanas – como uma estrutura sincrética de relacionamento entre culturas que acopla signos provenientes de diferentes temporalidades históricas e estratos sociais.

As formações híbridas atuam em consonância, ainda, com as múltiplas ofertas simbólicas internacionais que os processos de globalização propiciam. E são essas as novas perspectivas sociais e culturais que passaram a coexistir nos espaços de convivência entre nós e que incidem diretamente em nossos espaços educacionais, fazendo eco nas falas de nossos representantes, como exemplificado na desvalorização de determinados conhecimentos em detrimento de outros, preconizando a questão financeira. A fala do ex-ministro da Educação, divulgada em um vídeo publicado em junho de 2020 e que circulou em diferentes redes sociais, aponta o descaso dele com os diferentes campos do conhecimento:

Todas as universidades que a gente tem, não brota da terra o dinheiro, vem do imposto. Quando a gente for comprar pão, gasolina para a moto, telefone celular, vem imposto. E esse imposto é usado para pagar salário de professor, de técnico, bolsa, alimentação, tudo isso. Eu, como brasileiro, quero ter mais médico, mais enfermeiro, mais engenheiro, mais dentistas. Eu não quero mais sociólogo, antropólogo, não quero mais filósofo com o meu dinheiro.

Figura 3. Weintraub diz que não quer mais sociólogo, antropólogo e filósofo com dinheiro público



Fonte: <https://bit.ly/2OahzNn> (2020).

Em tempos de pandemia, período no qual vimos assistindo com bastante temor ao aumento significativo das desigualdades sociais em todo o mundo (SANTOS, 2020), surpreende-

-nos a fala do ex-ministro da Educação no Brasil, que questiona a importância dos profissionais do campo da Sociologia, Antropologia e Filosofia. Caminhamos em outra linha de pensamento e argumentamos que esses profissionais são fundamentais na promoção de reflexões que visem à superação das desigualdades sociais que vêm impactando o cotidiano das/os brasileiras/os em todo o território nacional.

Como forma de repudiar as atitudes e falas, diversas associações e instâncias brasileiras envolvidas lançaram manifestos, notas de repúdio e questionamentos em relação aos ataques que as Ciências Humanas estavam sofrendo. O Manifesto das Associações Científicas de Ciências Sociais critica não apenas o ex-ministro, mas todo o governo, que tem sido caracterizado por seus retrocessos no que se refere a uma série de discussões já garantidas pelo Estado. Alguns trechos merecem nosso destaque:

Este ato não nos surpreende, vindo de um ministro que se caracterizou por inúmeras declarações contrárias às Ciências Humanas, incluindo ataques a antropólogos, sociólogos e outros profissionais.

Seu desrespeito à educação e à democracia é patente. Seu último ato corresponde a um retrocesso do Estado brasileiro em seu compromisso, assumido na Constituição de 1988, de reparação histórica a populações negras e indígenas. As políticas de ações afirmativas para estudantes negros/as, indígenas, pessoas trans e com deficiência estão entre as mais importantes políticas públicas brasileiras no campo da Educação. Reiteramos, assim, a importância de sua manutenção nos programas de Pós-Graduação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia⁸.

O Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) também exemplifica como as instituições se manifestaram contra o que estava sendo apresentado. Os cursos de Filosofia e Sociologia são mais diretos em suas críticas, citando, logo no começo de sua nota de repúdio, o nome do atual presidente do Brasil, criticando as falas que reforçam ideias como: “a função do governo é respeitar o dinheiro do pagador de impostos, respeito esse que se traduziria na priorização de áreas capazes de ‘gerar retorno imediato ao contribuinte’ e de ‘melhorar a sociedade’”⁹. A nota aponta para o verdadeiro desconhecimento, por parte do governo, do papel dessas áreas no que tange a questões como melhoria da sociedade. Apontam ainda para a importância de percebermos as Universidades como instituições de Estado, que não têm de ficar subordinadas a interesses de determinados governos.

Para além da discussão sobre os campos científicos, podemos entender, com base na fala do ex-ministro, o quanto “nossas ações e reações estão imbricadas em todo um contexto político que, além de debates partidários, envolve a forma pela qual nos posicionamos e agimos no mundo” (VELLOSO, 2020, p. 273). Discursos locais se hibridizam com demandas locais e contextuais no momento em que uma onda conservadora parece afetar diferentes países do mundo. Algo que nos convida à reflexão sobre nosso papel como pesquisadoras/es a questionar essas fronteiras e interdições que estão se colocando, de modo cada vez mais incisivo, justamente por não entendermos que seja possível a ideia de neutralidade nas ciências e que nossos pressupostos ideológicos estão sempre conosco em nossas escolhas, como discutiremos a seguir a partir da ideia de complexidade que nos envolve.

8 Fonte: <https://bit.ly/2DUHRBy> Acesso em: 9 ago. 2020.

9 Fonte: <https://bit.ly/2CgNsSb> Acesso em: 9 ago. 2020.

Em defesa de uma ciência em rede para atender à complexidade social de nosso tempo: conclusões provisórias

Manuel Castells (2002) assinalou como uma das características dos movimentos sociais contemporâneos o fato de que o poder tem funcionado cada vez mais em forma de redes globais e as pessoas vivenciam e constroem seus valores, suas trincheiras de resistência e suas alternativas em sociedades locais. O grande problema que se coloca é como, desde o local, pode-se controlar o global; como, a partir da minha vivência e da minha relação com o meu mundo local – que é onde eu estou, onde eu vivo –, posso me opor à globalização, à destruição do meio ambiente, a uma pandemia. Como se pode fazer isso?

Os estudos sobre complexidade surgem com a dificuldade de lidar com o conhecimento na Contemporaneidade, num momento caracterizado por uma diversidade de crises no campo dos modos e nos meios de produção, nas relações sociais, nas formas de construir, socializar e legitimar saberes e conhecimentos. Conforme explica Morin (1999), entendemos que o maior paradoxo é que essa ciência moderna, que tanto contribuiu para elucidar o cosmos, as estrelas, a bactéria e tantas coisas, é completamente cega com respeito a si mesma e a seus poderes; já não sabemos para onde ela nos conduz. O complexo não corresponde à não explicação – e sim à dificuldade de explicar. É a partir desse pressuposto que Morin conceitua a complexidade. Um espaço/tempo complexo é aquele caracterizado pela incapacidade de captar todos os processos em curso (ações, interações, retroações) e pela existência de fenômenos aleatórios, fenômenos esses que não podem ser determinados empiricamente agregando incerteza ao pensamento.

A realidade torna-se cada vez mais problemática devido à emergência dos fenômenos histórico-culturais e à busca incessante pela eliminação da diversidade complexa, como no caso da pandemia da Covid-19. Tudo se fez, tudo nasceu por meio de acontecimentos (muitas vezes) inesperados que culminaram na grave crise social que hoje enfrentamos no século XXI. Devemos trabalhar com a desordem e a incerteza, colocando em prática um pensamento energético para analisar a complexidade de acontecimentos que constituem nosso tempo (MORIN, 1996). Quando a Epistemologia da Complexidade destaca que o todo pode ser mais que a soma das partes; menos que a soma das partes e, ao mesmo tempo, mais e menos que as partes, é porque o mundo do conhecimento deve ser compreendido como um sistema e não como um objeto.

Em tempos de Covid-19, é cada vez mais importante trabalhar em articulação com as diferentes áreas do conhecimento, de forma alguma desprestigiando o campo das Ciências Humanas e Sociais. Dificilmente conseguiremos garantir a sobrevivência humana no planeta sem uma profunda articulação com o acúmulo milenar de todas as áreas do conhecimento. O novo coronavírus “não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura autodefesa. O planeta tem de se defender para garantir a sua vida” (SANTOS, 2020, s/p). Se a vacina hoje é importante para garantir nossa sobrevivência contra a SARS-CoV-2, as outras áreas do saber também vêm sendo igualmente importantes para fomentar reflexões sobre os tempos de pandemia e sobre o mundo que estamos almejando construir visando os tempos de pós-pandemia.

Referências

AFONSO, A. J. Reforma do Estado e políticas educacionais: entre a crise do Estado-nação e a emergência da regulação supranacional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 75, p. 15-32, ago. 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2DovUUE>. Acesso em: 5 ago. 2020.

CANESQUI, A. M. As Ciências Sociais e Humanas em Saúde na Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 215-250, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/39SB3jC>. Acesso em: 25 jun. 2020.

CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**. V. 1. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- COSTA, M. V. **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- COUTO, E.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. M. P. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da Covid-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/35ZS4X8>. Acesso em: 15 maio 2020.
- COUTO JUNIOR, D. R.; SANTOS, R.; VELLOSO, L. Rede social e comunicação ubíqua: o que podemos aprender com Black Mirror? **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 62, p. 1.128-1.146, jul./set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/35HXqVs>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- COUTO JUNIOR, D. R.; BRITO, L. T.; POCAHY, F.; AMARO, I. Jovens em estado de alerta no Facebook: diálogos tecidos em/na rede como estratégia de (re-)existência à regulação das vidas precarizadas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 14, n. 3, p. 1.210-1.229, set./dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2oqpqfW>. Acesso em: 2 out. 2019.
- DORTIER, J. **Uma história das Ciências Humanas**. Lisboa: Texto & Grafia, 2005.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 5. reimpressão, 2011.
- GARCÍA CANCLINI, N. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- GARRIDO, R. G.; GARRIDO, F. S. R. Grazinoli. Covid-19: um panorama com ênfase em medidas restritivas de contato interpessoal. **Interfaces Científicas – Saúde e Ambiente**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 127-141, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3cudw8l>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed: 2011.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://bit.ly/31jsvOH>. Acesso em: 4 ago. 2020.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- HOBBSAWM, E. J. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HOBBSAWM, E. J. **A Era do Capital: 1848-1875**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- JOHNSON, R. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/388Jhn1>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- McLUHAN, H. M. **The Gutenberg Galaxy: the making of typographic man**. Toronto: University of Toronto Press, 1962.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORIN, E. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996. p. 274-286.

ROSE, N.; CARVALHO, S. R.; OLIVEIRA, C. F. Ciências Humanas e Naturais: diálogos e política de colaboração. **Interface**, Botucatu, v. 22, n. 65, p. 331-336, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2PjEK8D>. Acesso em: 4 ago. 2020.

SANTAELLA, L. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 33-47.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, R.; SANTOS, E.; COUTO JUNIOR, D. R. Grupos de pesquisa online na formação de professores pesquisadores: produzindo conhecimento na cibercultura. **RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning**, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 6-18, mar/abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3eTv3J3>. Acesso em: 1 jul. 2020.

TURA, M. L. R. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 150-173.

VELLOSO, L. Ler é um ato político: multiletramentos em contexto de censura literária. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 271-284, mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2xWOfF8>. Acesso em: 24 mar. 2020.

VILLAS BÔAS, G. A tradição renovada: reflexões sobre os temas das Ciências Sociais no Brasil, 1945-1964. In: BOMENY, H.; BIRMAN, P. (Orgs.). **As assim chamadas Ciências Sociais: formação do cientista social no Brasil**. Rio de Janeiro: UERJ/Relume Dumará, 1991. p. 21-41.

Recebido em: 28 de outubro de 2020.

Aceito em: 07 de março de 2022.